

 **Enraizado  
na Confiança**

# Como comunicar temas de saúde em tempos de crise?

Diagnóstico dos Ecossistemas de Informações em Comunidades  
Indígenas e Quilombolas de Roraima, Amapá e Pará



# SUMÁRIO

**4** *INTRODUÇÃO*

**6** *MAPA DE MÍDIAS*

**8** *CONFIANÇA NAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE*

**10** *MAPA DE ONGS E AGÊNCIAS HUMANITÁRIAS*

**12** *ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES*

**14** *NECESSIDADES DE INFORMAÇÃO*

**16** *COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÕES*

**18** *PRINCIPAIS BARREIRAS NO ACESSO À INFORMAÇÃO*

**20** *RELAÇÃO COM A IMPRENSA*

**22** *SAÚDE MENTAL E MEDICINA TRADICIONAL*

**24** *RUMORES E DESINFORMAÇÃO SOBRE COVID-19*

**26** *RECOMENDAÇÕES*

**28** *CRÉDITOS E RECONHECIMENTOS*

# Introdução





**O Diagnóstico dos Ecossistemas de Informações (DEI) do Projeto Enraizado na Confiança 2.0** no Brasil foi desenvolvido com povos tradicionais residentes em três estados do país:

★ **Dez comunidades indígenas em Roraima - Comunidades:** Pium, Guariba, Tabalascada, Barro, Maturuca, Novo Paraíso, Camará, Sucuba, Anauá, Morcego.

★ **Cinco comunidades quilombolas no Amapá:** Ilha Redonda, São João do Matapi, São Francisco do Matapi, Abacate da Pedreira, Nossa Senhora do Desterro Dois Irmãos.

★ **Cinco comunidades quilombolas no Pará:** São Sebastião de Bujaruba, Sítio São João, Sítio Conceição, Sítio Cupuaçu, Gibrié São Lourenço

O objetivo principal do DEI foi compreender o relacionamento das informações que circularam nesses estados sobre a pandemia da COVID-19 e as comunidades indígenas e quilombolas.

Para tanto, o estudo investiga diferentes fontes de notícias; como os povos tradicionais dessas regiões recebem,

consomem, demandam e compartilham informações; que barreiras existem e quais são as necessidades de informação relevantes no contexto sociocultural em que vivem, especialmente no que diz respeito as temáticas da saúde e da COVID-19.

Para o diagnóstico, foram realizadas entrevistas presenciais e remotas com a equipe do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), do Departamento de Comunicação do Conselho Indígena de Roraima (CIR), jornalistas da imprensa de Roraima, Amapá e Pará, uma liderança quilombola e um comunicador da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase).

Também foram realizadas 13 entrevistas presenciais com membros das comunidades indígenas e 35 de comunidades quilombolas. Essas entrevistas foram conduzidas por 27 comunicadores indígenas da Rede Wakywai do CIR, participantes do curso Checando os Fatos, e 20 quilombolas que integraram o ciclo formativo Comunica Quilombola.

Além das entrevistas, para o diagnóstico foram realizados três grupos focais com indígenas de Roraima, dois em comunidades quilombolas do Pará e um no Amapá.





# Mapa de Mídias

Durante as entrevistas do diagnóstico, a TV, o Rádio e a Internet foram listados como os principais meios de acesso à informação sobre a pandemia nas comunidades indígenas e quilombolas.

**Os dados apontam que 71% dos indígenas e 65% dos quilombolas entrevistados afirmaram assistir TV com frequência. O Rádio foi citado em comunidades indígenas e quilombolas com maior dificuldade no acesso à energia elétrica.**

A preferência pelo Rádio e TV, mesmo em comunidades com acesso à energia elétrica e internet, pode ser explicado principalmente pela falta de circulação de

jornais impressos nessas regiões, devido a preferência dos povos tradicionais pelas formas de comunicação orais e na dificuldade de acesso à internet.

Enquanto **fonte principal de informação, a Internet foi citada especialmente em referência ao WhatsApp**. Entrevistados indígenas e quilombolas afirmaram utilizar o aplicativo para acessar e compartilhar notícias.

Apesar da dificuldade no acesso à internet de qualidade nas comunidades indígenas e quilombolas, os entrevistados relataram que o aplicativo de troca de mensagens é utilizado sempre que possível.

Principais Retransmissoras de TV	Filiação	Estado
TV Liberal	Rede Globo	Pará
SBT Pará	SBT	
Record TV Belém	Record	
TV Novo Tempo		
TV Nazaré		
TV Aparecida		
Rede Amazônica	Rede Globo	Amapá
TV Amazônia	SBT	
TV Equinócio	Record TV	
TV Macapá	Rede Bandeirantes	
TV Roraima/Rede Amazônia	Globo	Roraima
TV Imperial	Record	
Band Roraima	Band	
TV Tropical	SBT	





# Mapa das Instituições de Saúde

A Fundação Nacional do Índio, o governo de Roraima, a Secretaria de Saúde dos Municípios e mesmo a Secretaria de Saúde Indígena (Sesai) e os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) foram apontados como instituições que nem sempre podem ser confiáveis.

**Os indígenas apontaram que os dados divulgados por essas entidades não condiziam com a realidade**, dando a entender que havia uma clara subnotificação dos casos e óbitos por COVID-19.

Devido a ausência de dados sobre indígenas que vivem fora das Terras Indígenas homologadas, a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) criou o Comitê Nacional pela Vida e Memória dos Povos Indígenas para registrar a evolução dos casos, óbitos e número de vacinados a partir de dados de organizações indígenas de todo o país.

**No caso dos quilombolas**, ao menos duas instâncias do governo são responsáveis por produzir e distribuir informações nas comunidades de Macapá, Santana e Barcarena: **o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e a Fundação Cultural Palmares**.

Entretanto, durante as entrevistas, a atuação das duas instituições foi considerada inexpressiva e desalinhada

às conquistas políticas e reconhecimentos legais da trajetória histórica quilombola.

Nas comunidades quilombolas, os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) foram lembrados por 40% dos entrevistados como principais fontes de informação sobre a pandemia da COVID-19.

Os ACS atuam diretamente em contato com a população, aproximando a sociedade do serviço público de saúde no Brasil.

**Vale ressaltar que** os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) não foram tão citados nas entrevistas e grupos focais realizados. Das treze entrevistas realizadas, os AIS foram citados em apenas quatro.

Como muitos dos quilombolas ainda não são oficialmente reconhecidos, especialmente se seus territórios não estão titulados, **muitos tiveram sua prioridade na vacinação negada**, e não entraram nas estatísticas de vacinação contra a COVID-19 nos dados oficiais do governo.

Diante disso, a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), em parceria com o Terra de Direitos e o Ecam, criaram o **Vacinômetro Quilombola** para acompanhar a evolução de casos nas comunidades tradicionais.







# Mapa de ONGs e Agências Humanitárias

Organizações Não-Governamentais (ONGs), Organismos Internacionais, entidades religiosas e organizações indígenas e quilombolas produzem e disseminam informações relevantes para as comunidades de Roraima, Amapá e Pará.

Frequentemente, as informações divulgadas pela mídia tradicional e por portais independentes de notícia incluem estudos, relatórios e outros materiais produzidos por essas organizações.

Algumas dessas organizações tem atuação nacional e por vezes informam sobre a realidade local. Outras, focam sua atenção inteiramente ao cenário local, ou desenvolvem ações nos estados que merecem destaque.

**Confira a lista das organizações:**

## **ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS**

- \* Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).
- \* Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).
- \* Conselho Indígena de Roraima (CIR).
- \* Hutukara Associação Yanomami.
- \* Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)

## **ORGANIZAÇÕES QUILOMBOLAS**

- \* Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ);

- \* Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Amapá (CONAQ - AP);
- \* Coordenação Estadual das Associações das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Pará (Malungu)

## **ENTIDADES RELIGIOSAS**

- \* Conselho Indigenista Missionário (CIMI).
- \* Cáritas Brasileira.
- \* Diocese de Roraima.
- \* Pastoral Indigenista de Roraima.

## **ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS (ONGS)**

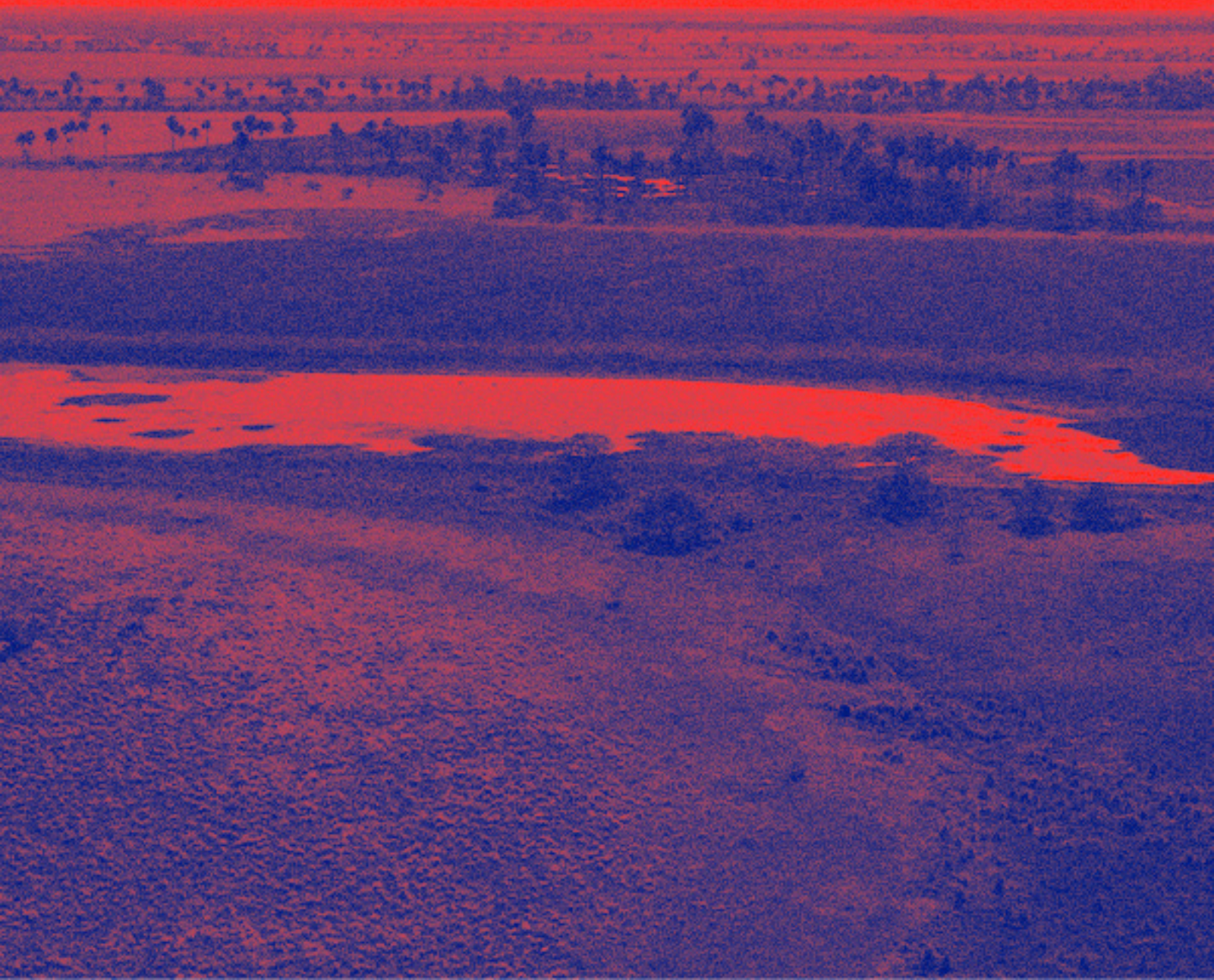
- \* Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).
- \* Organização Amazônia Nativa (OPAN).
- \* Instituto Socioambiental (ISA).
- \* Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB).
- \* Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE);
- \* Equipe de Conservação Amazônica (ECAM);
- \* Terra de Direitos

## **ORGANISMOS INTERNACIONAIS (OIS)**

- \* Organização Internacional para Migrações (OIM).
- \* Organização Mundial da Saúde (OMS).
- \* Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).



Roraima - Brasil





# Organização Comunitária e Divulgação de Informações

As lideranças comunitárias têm um importante papel entre as comunidades indígenas e quilombolas, inclusive na **disseminação de informações**, e foram uma importante fonte de informação durante a pandemia.

Os **Tuxauas** são as principais lideranças entre os indígenas desta região, e representam suas comunidades.

Parte de sua atuação inclui a circulação entre a capital, cidades próximas e a comunidade para buscar informações e comunicá-las aos demais indígenas.

Em algumas emergências, essa liderança pode enviar uma **notícia via WhatsApp**. Em outros contextos, os Tuxauas convocam reuniões e rodas de conversas para repassar as informações.

O **Departamento de Comunicação do CIR** também é uma importante fonte de informações. Eles compartilham notícias em um site próprio, um programa de rádio, um informativo impresso e com redes sociais, como Facebook, Instagram e Twitter.

Graças ao seu trabalho, diversas comunidades contam com jovens comunicadores, que atuam como uma

ponte entre a realidade local da comunidade e os acontecimentos a nível regional e nacional. Esses comunicadores fazem parte da chamada **Rede Wakywai**, que significa **“Nossa Notícia”** na língua Wapichana.

As comunidades quilombolas costumam se organizar em associações. Os **presidentes e vice-presidentes das associações**, junto com outros membros ativos da comunidade, são tidos como lideranças. Eles participam de eventos fora da comunidade e estabelecem parcerias com outras organizações em benefício da comunidade.

Essas lideranças costumam ser fontes de informação em quase todos os contextos vivenciados pela comunidade, inclusive durante a pandemia da COVID-19.

As associações quilombolas estão engajadas com outras organizações de abrangência nacional, como a **CONAQ**. Em nível regional, no Pará existe a **Malungu** e no Amapá existe a **CONAQ-AP**.

Com apoio dessas organizações, as lideranças produziram materiais de informação sobre a pandemia, que foram recebidos pelos quilombolas nas comunidades de Barcarena, Macapá e Santana.



da sua análise de c

anças

rimentação

o da Vac

### SUB-THEME

- a Crianças
- a Direitos de ac
- a Experimenta
- a O Plano da V
- a Segurança/r
- a Tratament





# Necessidades de Informação

Para 50% dos indígenas entrevistados em Roraima, as informações sobre a COVID-19 que circularam nas comunidades foram consideradas como não confiáveis e não atualizadas.

## **Em matéria de saúde, as temáticas mais urgentes apontadas pelos indígenas foram:**

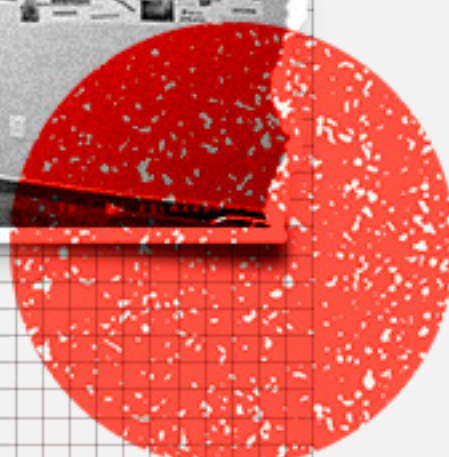
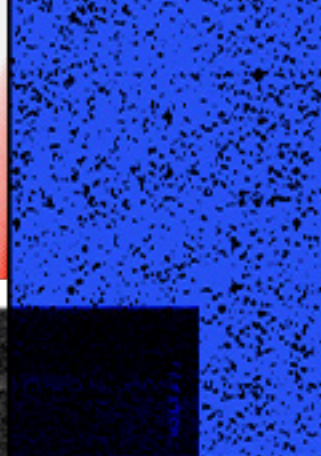
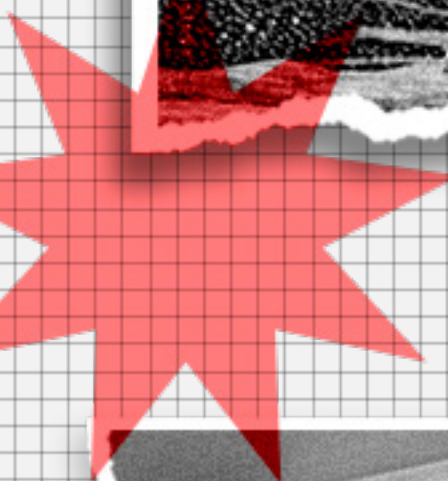
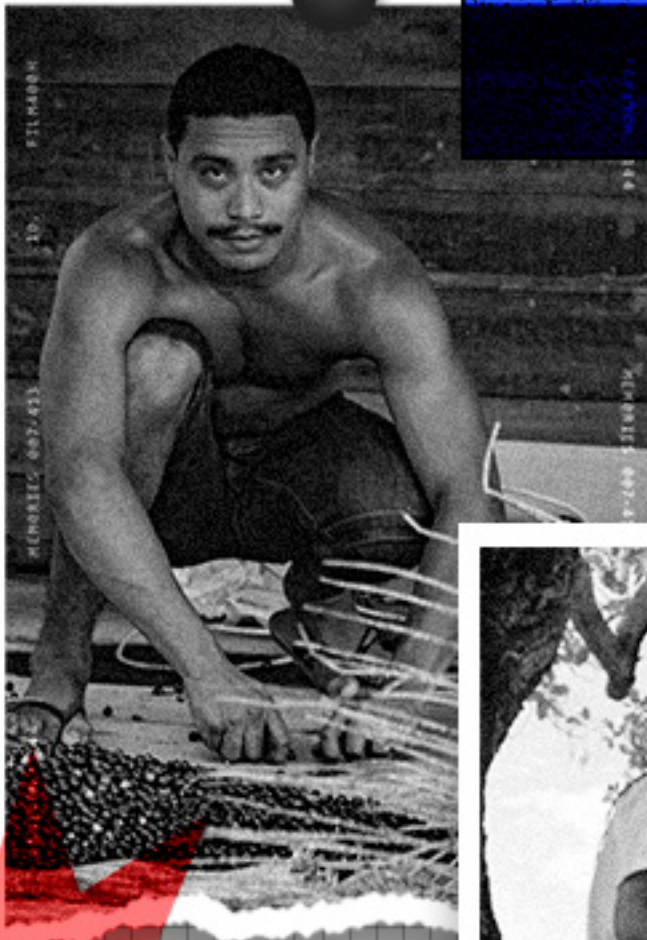
- \* Origem do vírus da COVID-19;
- \* Fim da Pandemia;
- \* Eficácia dos Imunizantes;
- \* Funcionamento das variantes.

Para 40% dos quilombolas entrevistados

no Amapá e do Pará informaram que as comunidades precisavam de mensagens mais claras sobre a ciência por trás dos imunizantes contra o novo coronavírus.

## **Sobre as necessidades de informação, os pontos apontados pelos quilombolas foram:**

- \* Segurança dos Imunizantes;
- \* Imunização de Gestantes;
- \* Doses de Reforço;
- \* Benefícios do Governo;
- \* Formas de Tratamento;
- \* Efeitos e Sequelas da COVID-19;
- \* Origem do vírus da COVID-19.





# Compartilhamento de Informações

Entre os indígenas de Roraima e os quilombolas do Amapá e Pará foram identificadas três formas de compartilhamento de informação: **oralmente em encontros presenciais, pelas redes sociais e através de informativos impressos.**

A transmissão de informações por meio da oralidade acontece tanto no cotidiano, na conversa entre vizinhos, no chamado **“boca a boca”**, quanto de forma mais organizada, como em rodas de conversas promovidas pelas lideranças, ou em reuniões e assembleias.

As informações compartilhadas nos espaços de diálogo promovidos pelas lideranças costumam ser vistas como **informações seguras e confiáveis**. Já nas conversas entre amigos, parentes e vizinhos circulam muitos rumores.

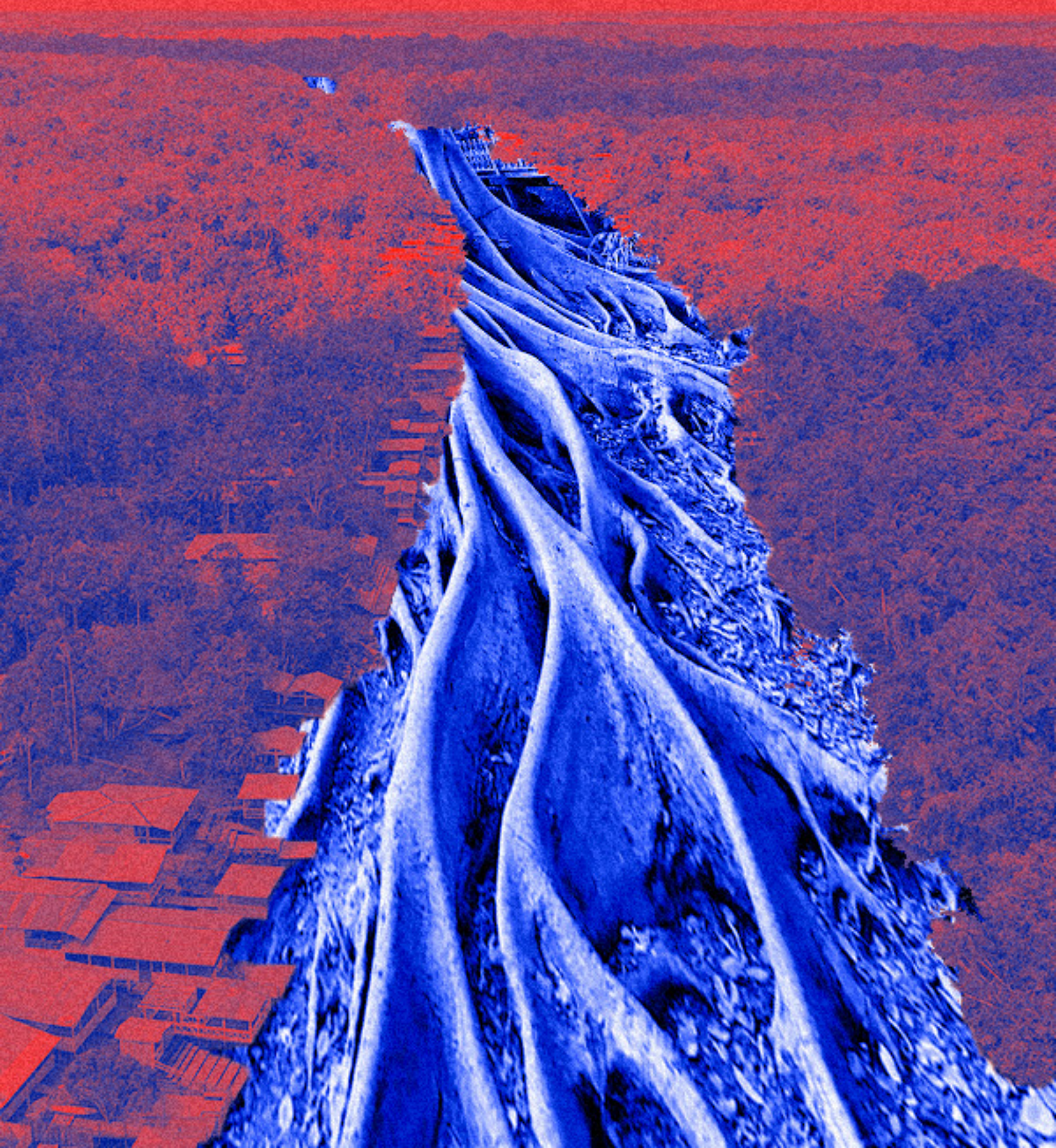
As redes sociais também são espaços de trocas de informações, especialmente o **WhatsApp e Facebook**. Conforme relatos dos entrevistados, durante a pandemia, esses foram canais de notícias propícios para a circulação de notícias falsas e informações não confiáveis.

Os principais assuntos compartilhados são calendários vacinais e taxas de casos e mortes por COVID-19. Algumas pessoas também comentaram compartilhar informações sobre os sintomas da COVID-19.

Outro tema muito compartilhado, principalmente no início da pandemia, era sobre possíveis **tratamentos naturais contra a COVID-19**, ou para prevenir a contaminação. É importante considerar que esses grupos mantêm uma prática tradicional e ancestral de medicina.



# Amapá - Brasil





# Principais barreiras de acesso à informação

Nas comunidades indígenas e quilombolas participantes do diagnóstico, as barreiras de acesso às informações de qualidade são principalmente estruturais.

No entanto, a diversidade sociocultural, monopólio da mídia, e baixa escolaridade ainda são barreiras que impedem os povos tradicionais da Amazônia de acessar informações necessárias.

## Confira as principais barreiras:

### \* FALTA DE INFRAESTRUTURA ELÉTRICA

Dados do Instituto de Energia e Meio Ambiente (IEMA) apontam que 3,5% da população da região da Amazônia brasileira não tem acesso à energia elétrica.

Desse total, mais de 78,3 mil são indígenas e mais de 2,5 mil são quilombolas.

### \* DESERTO DE NOTÍCIAS

Segundo o Atlas das Notícias, o Norte é a região com o maior deserto de notícias do país, com 63,1% do seu território sem cobertura jornalística ou veículo local cobrindo pautas de interesse público.

### \* DONOS DA MÍDIA

Em 2017, a Agência Pública revelou que dos 1.737 canais de TV da Amazônia Legal: a) 373 pertencem a políticos; b) mais de 170 canais pertencem às igrejas católicas e evangélicas.

### \* IDIOMA

O idioma também é uma barreira. Embora a maioria dos indígenas de Roraima falem português, existem membros de alguma das comunidades que só se comunicam em suas línguas nativas. Se não forem produzidos materiais nessas línguas, essas pessoas dependem da tradução verbal dos materiais recebidos.

### \* ESCOLARIDADE

Conforme dados do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), a média de alfabetização entre os quilombolas com mais de 10 anos de idade é de 75,6%, significativamente menor do que a média nacional de 91%.

A disseminação da informação por áudio em vez de formatos escritos é, portanto, preferível e tem maior alcance. Pessoas não letradas ou com pouco letramento, mas que possuem celular, podem preferir ouvir um áudio, já que elas não leem as mensagens que recebem.

# Enraizado na Confiança

No Brasil, a Rooted in Trust está trabalhando para lidar com os impactos das informações relacionadas à pandemia com o IEB, o PSA e o Iepé nos Estados do Pará, Amapá e Roraima.

Amapá, Pará e Roraima, na região Norte do Brasil, são a região selecionada para o RiT 2.0 devido às baixas taxas de vacinação. Para fins de perspectiva, em março de 2022, o estado de São Paulo tinha 86,58% de sua população vacinada, uma taxa muito maior quando comparada a Roraima, que tem 57,6%, Amapá com 57,43% e Pará, 71%. (Fonte: Mapa da vacinação contra a COVID-19 no Brasil, G1).

As comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas estão entre as mais vulneráveis do país nas áreas rurais do norte e nordeste do Brasil. Essas populações têm acesso precário a informações e serviços de saúde e enfrentaram grande perigo durante a pandemia. Os jovens negros no Brasil têm quatro vezes mais chances de morrer de COVID-19 do que os brancos.

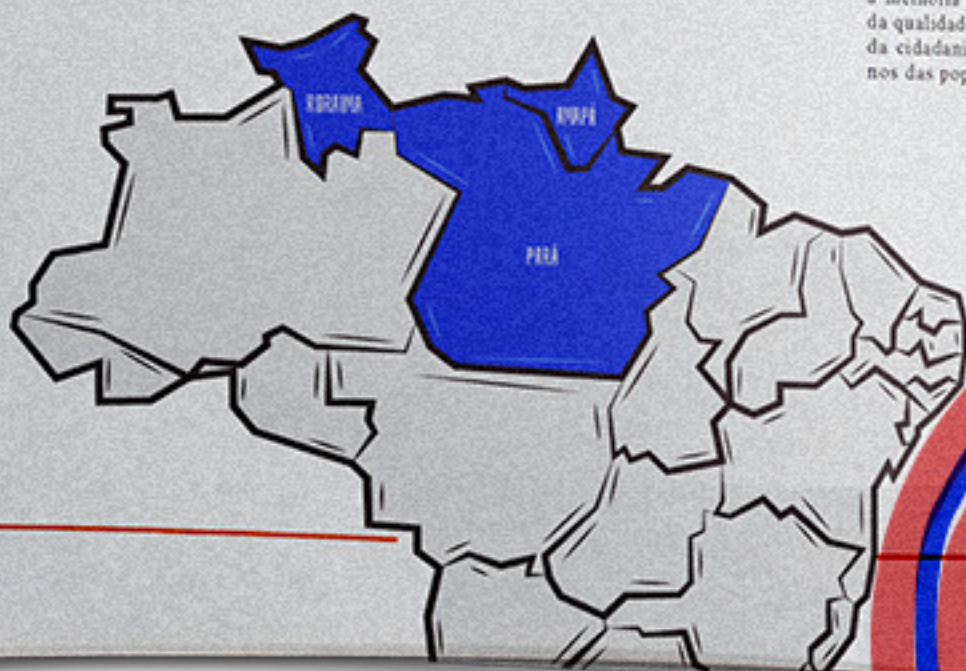
Estamos trabalhando em conjunto com:

O Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) é uma associação brasileira sem fins lucrativos fundada em 1998 com a missão de fortalecer os atores sociais e seus papéis na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. O IEB é amplamente reconhecido em nível nacional por sua dedicação a treinamentos e fortalecimento de organizações em vários aspectos e tópicos relacionados ao meio ambiente, ao desenvolvimento e à sustentabilidade.

O Iepé é o Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, uma organização sem fins lucrativos que atua com diferentes abordagens, dada a diversidade dos povos indígenas, da história e do contexto regional circundante.

Suas principais linhas de ação são a promoção da gestão territorial, a capacitação e o fortalecimento das organizações indígenas, a valorização cultural e os modos de vida indígenas. O Iepé possui escritórios (São Paulo, Macapá, Oiapoque e Santarém) e uma equipe multidisciplinar que trabalha junto a essas comunidades, seus representantes e organizações indígenas, com uma perspectiva que valoriza suas culturas e línguas, bem como boas práticas e conhecimentos tradicionais.

O Projeto Saúde e Alegria (PSA) é uma instituição civil sem fins lucrativos que atua desde 1987 em comunidades da Amazônia brasileira, com o objetivo de promover e apoiar processos participativos de desenvolvimento comunitário integrado e sustentável que contribuam de forma demonstrativa para a melhoria das políticas públicas, da qualidade de vida e do exercício da cidadania e dos direitos humanos das populações atendidas.





# Relação com a Imprensa

As comunidades quilombolas no Brasil foram por muito tempo **invisibilizadas pela mídia tradicional**, e só costumam ser lembradas em datas comemorativas, como o **Dia da Consciência Negra em 20 de novembro**.

Outra data comemorativa frequentemente escolhida pela mídia tradicional para “celebrar” os quilombolas é 13 de maio, o dia em que a escravidão supostamente teria sido abolida no Brasil.

Lideranças entrevistadas ressaltaram que os quilombolas acabam esquecidos no restante do ano. Assim, essa suposta valorização cultural não é eficaz e não dá espaço para outras demandas importantes desses grupos, como a titulação territorial.

O movimento indígena e setores engajados com a causa **nem sempre avaliam positivamente** a cobertura feita pela mídia tradicional.

De acordo com o estudo Narrativas Ancestrais de 2022, os segmentos da população mais engajados com a causa indígena entenderam que houve uma melhora na forma como essa mídia vem comunicando sobre os povos indígenas, mas ainda há espaço para muitas melhorias.

**Em Roraima**, os povos indígenas têm procurado criar suas formas próprias de comunicação, como a Rede Wakywai. Esse empenho surge como uma resposta ao silenciamento produzido pela mídia tradicional no estado e no país.

chamento de seus territórios. Assim, em março de 2020, comunidades indígenas de Roraima haviam fechado acesso e circulação de pessoas.<sup>6</sup> A manutenção dessas atividades foi garantida por um Grupo de Proteção e Vigilância em Territórios Indígenas (GPVITI), organizado por Tuxauas e demais lideranças.

articulada pelas próprias lideranças indígenas, o fechamento das comunidades foi informado aos órgãos governamentais que atuam diretamente com esse grupo, como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e a Secretaria de Saúde Indígena (ESAI). As comunidades foram reabrindo eventualmente, inclusive por conta da necessidade dos indígenas de circular nas cidades para acessar recursos e serviços. Com a disponibilização do auxílio emergencial, vários indígenas se deslocaram para as cidades, expondo-se ao vírus e levando-o para suas comunidades (Barbosa, 2020).

prin... ovos indígenas de



## POPULAÇÃO

População Brasil

214.791.902

População indígena Brasil

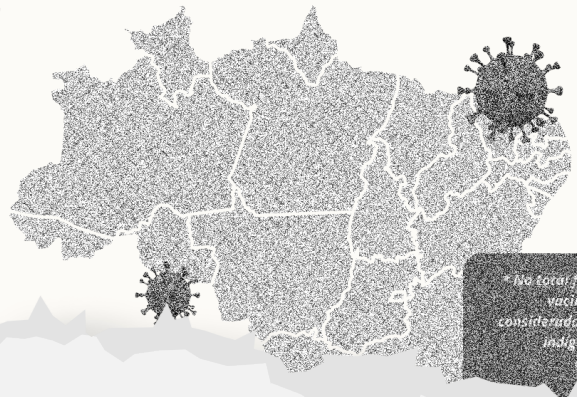
896.917\*

População indígena Roraima

53.114\*\*

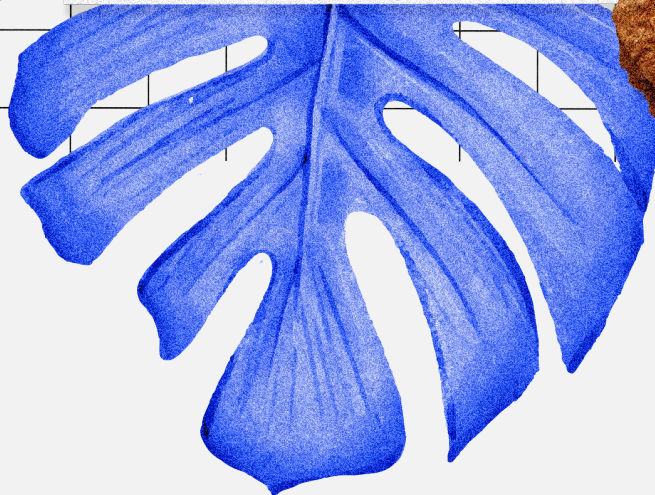
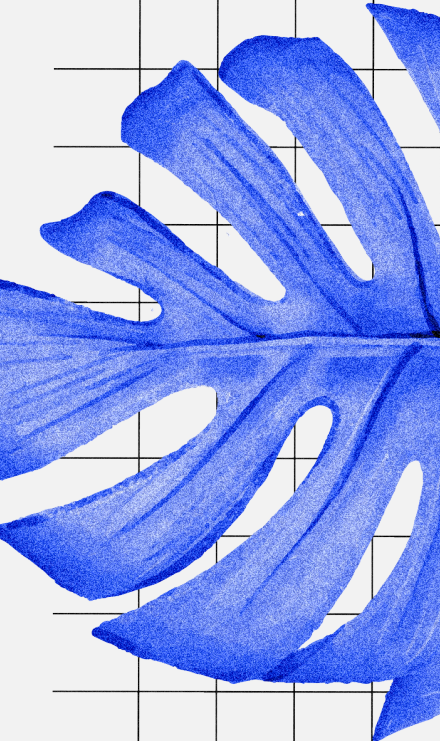
## CASOS DE COVID

Número de



\* No total foram 716.736 pessoas vacinadas no Brasil, sendo considerados apenas a população indígena de 3 anos ou mais atendidas pelo

# MEDICINA TRADICIONAL





# Saúde Mental e Medicina Tradicional

**Nas entrevistas** surgiram relatos de como a pandemia afetou a saúde mental dos povos indígenas. Para alguns, isso se deu por conta das medidas de distanciamento e isolamento social. Já para outros, foi a ansiedade em torno do surgimento de casos entre as comunidades indígenas e a insegurança gerada pelo volume de rumores sobre a pandemia.

Em muitos casos, todos esses fatores juntos contribuíram para a necessidade de apoio psicológico. O CIR tem uma psicóloga indígena em sua equipe, que durante a pandemia atuou atendendo membros de várias comunidades.

Ao descrever o período da pandemia, **45% dos entrevistados quilombolas disseram sentir medo**. O sentimento esteve presente em falas realizadas nos grupos focais e envolviam medo de contrair a doença, de perder pessoas próximas e de ser hospitalizado.

A **medicina tradicional indígena** esteve muito presente durante a pandemia da COVID-19. Os pajés e as pajés, pessoas

das comunidades que costumam deter esse conhecimento promoveram encontros para transmitir esses saberes.

Durante a pandemia, a medicina tradicional indígena passou a ser muito mais utilizada dentro das comunidades. Diante de um novo vírus, os indígenas usaram da situação para promover a valorização de seus conhecimentos medicinais.

**As comunidades quilombolas do Pará e do Amapá** também utilizam formas de medicina tradicional, como os chás, as garrafadas, os xaropes e outros remédios feitos a partir de ervas medicinais.

Em meio à pandemia da COVID-19, muitos quilombolas recorreram complementarmente à medicina tradicional. **Nos relatos, os quilombolas disseram** que esses remédios caseiros não são reconhecidos como formas de prevenção e tratamento à COVID-19, mas que preferiram tomar esses medicamentos para tentar melhorar os sintomas.

Pará - Brasil





# Rumores e Desinformação sobre COVID-19

A circulação de informações falsas nas comunidades indígenas e quilombolas já é uma realidade desde antes do início da pandemia da COVID-19. Todavia, os entrevistados para o diagnóstico ressaltaram que durante o período pandêmico a desinformação nas comunidades e a circulação de rumores aumentou, especialmente em temáticas relacionadas de

saúde, COVID-19 e imunização.

Esses rumores relacionavam aspectos socioculturais e vulnerabilidades das comunidades para relativizar o risco da COVID-19, causar medo, aumentar a hesitação vacinal e divulgar formas de tratamento e prevenção contra o novo coronavírus não cientificamente comprovadas.

## RUMORES QUE CIRCULARAM NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS ENVOLVIDAS NO DEI:

*“Vacinas contra a COVID-19 são nocivas para a saúde e provocam a morte de quem tomar”*

*“Quem tomou a primeira dose da vacina de um fabricante, só pode tomar a segunda dose do mesmo fabricante”*

*“Vacinas contra a COVID-19 são perigosas para mulheres grávidas”*

*“Para se proteger contra a COVID-19 busque o kit de tratamento precoce”*

*“Quem vai para o hospital com certeza vai morrer”*

## RUMORES QUE CIRCULARAM NAS COMUNIDADES INDÍGENAS ENVOLVIDAS NO DEI:

*“A vacina causa mutação no DNA”*

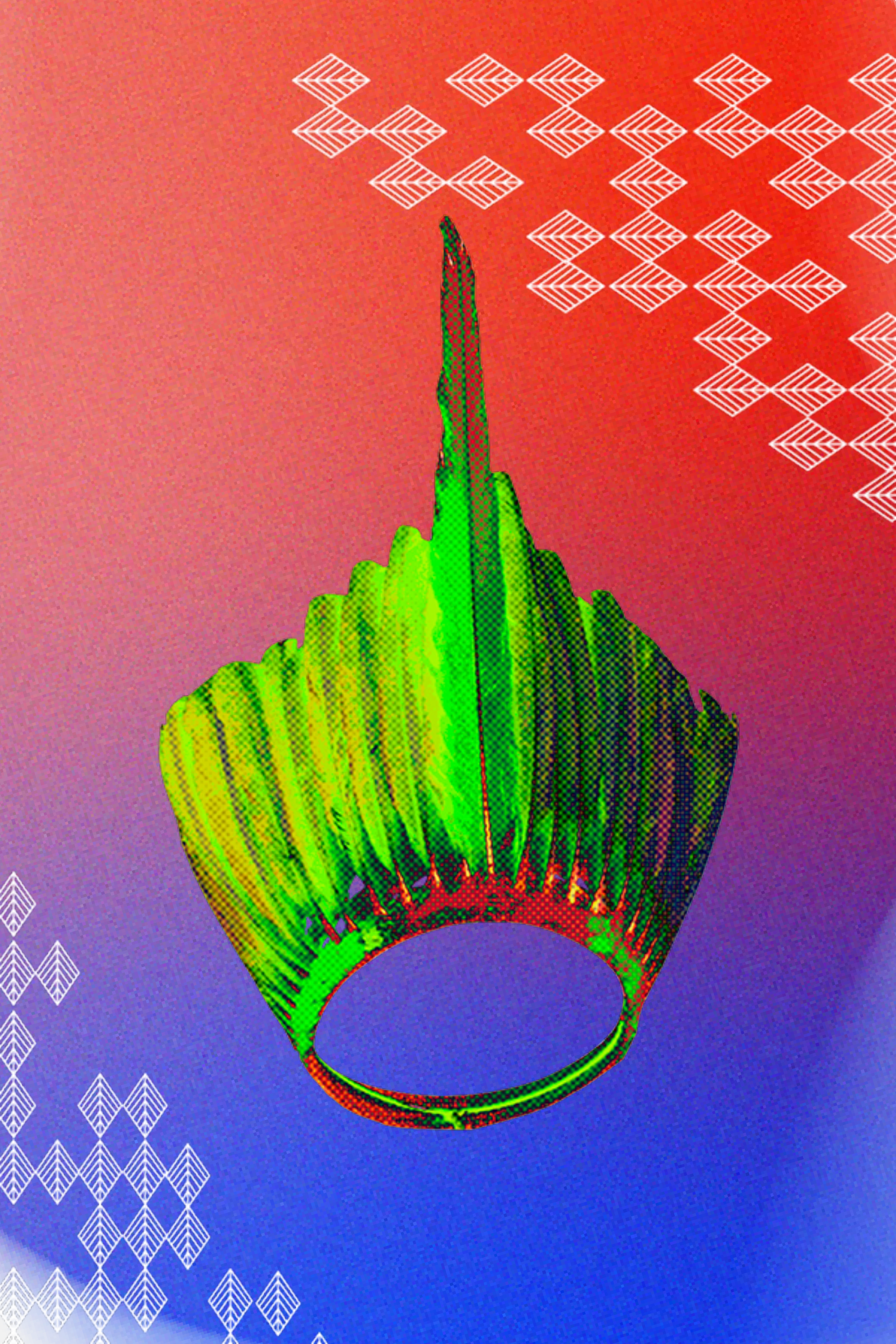
*“Vacinas deixam as pessoas inférteis”*

*“Vacinas transformam as pessoas em jacarés”*

*“As vacinas diminuem a expectativa de vida das pessoas”*

*“Indígenas estão sendo usados como cobaias para a criação das vacinas”*







# Recomendações

A partir do diagnóstico, compilamos aqui todas as recomendações voltadas para atores da comunidade, da mídia e organizações humanitárias que podem auxiliar no planejamento de medidas para resposta à desinformação e fortalecimento do compartilhamento de informações seguras e de qualidade nas comunidades tradicionais amazônicas:

## ATORES DA MÍDIA:

- ✳ Produzir de forma contextualizada, com e em apoio às redes de atores comunitários confiáveis, como as lideranças e as organizações dos povos tradicionais.
- ✳ Incentivar o compartilhamento de notícias em canais de comunicação que são mais acessíveis em comunidades distantes, como o WhatsApp e rádios comunitárias.
- ✳ Estabelecer estratégias de comunicação que possam também abranger abordagens presenciais de diálogo com as comunidades.
- ✳ Criar mecanismos de diálogo com agentes comunitários de saúde para compreender necessidades de informação relativas à covid-19, vacinação e quaisquer outras questões de saúde.

## ATORES DO TRABALHO HUMANITÁRIO:

- ✳ Apoiar a adequação dos serviços de saúde básica, em diálogo com a realidade e os contextos das comunidades e respeitando a medicina tradicional.

- ✳ Priorizar as demandas por suporte psicológico das comunidades de forma contextualizada e considerando os impactos da pandemia na saúde mental dos povos tradicionais;
- ✳ Criar treinamentos específicos voltados a ACS e lideranças comunitárias acerca da COVID-19 e outras emergências sanitárias para que as necessidades de informação das comunidades sejam devidamente atendidas de forma qualificada.
- ✳ Apoiar atores comunitários vistos como confiáveis pelas comunidades, em organizações em rede e em coletivos voltados especificamente para comunicação e informação.
- ✳ Articular estratégias para combater a invasão aos territórios indígenas, inclusive dando suporte aos comunicadores que atuam na cobertura e denúncia desses casos.
- ✳ Elaborar uma base de dados coletiva que reúna o contato de comunicadores quilombolas, agências humanitárias e de mídia, que permaneça em constante compartilhamento e atualização, a partir de um mapeamento realizado junto às comunidades;

## HUMANITÁRIOS E DE MÍDIA

- ✳ Organizar encontros frequentes entre comunicadores tradicionais, que conecte comunicadores indígenas por todo o país, especialmente da Amazônia, permitindo a troca de experiências e saberes.



- \* Fortalecer a rede de comunicadores indígenas ligados ao Conselho Indígena de Roraima (Rede Wakywai), garantindo sua sustentabilidade e o amadurecimento dos comunicadores envolvidos;

- \* Apoiar desenvolvimento de encontro regional e/ou nacional de comunicadores quilombolas, que seja um canal de trocas

de experiências, saberes e fortalecimento de práticas;

- \* Apoiar com a criação e/ou fortalecimento de coletivos e redes de comunicação entre membros das comunidades que ampliem o potencial de mobilização quilombola e possibilitem parcerias com outras organizações, sejam humanitárias ou de mídia.



# Créditos e Reconhecimentos

Esse resumo foi elaborado pelo mentor de mídia, **Bryan Araújo**, com base no estudo liderado pela pesquisadora da equipe, **Valentina Calado Pompermaier**, e produzido no âmbito do projeto Enraizado na Confiança, desenvolvido pela Internews no Brasil em parceria com o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), em 2022.

## EQUIPE

### \* Pesquisa, Análise E Texto:

Valentina Calado Pompermaier

PESQUISADORA;

### \* Revisão

Xiomara Huni-Carston

PESQUISADORA ESPECIALISTA

Heber Costa

GERENTE REGIONAL

Isadora Starling

GERENTE DO PROJETO

Paloma Monteiro

PESQUISADORA

João Guilherme B. Dos Santos

ANALISTA DE DADOS

Yasmin Silva Calandrini de Azevedo

OFICIAL DE PROJETO

Bryan Chrystian Araújo

MENTOR DE MÍDIA

Samilly Valadares

OFICIAL DE ENGAJAMENTO COMUNITÁRIO E ACCOUNTABILITY

Ney Maciel

INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)

Luana Luizy

INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)

João Daltro Paiva

INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)

Raphael Castro

INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)

Márcia Fernandes

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA (CIR)

Caíque Souza

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA (CIR)

## Condução Das Entrevistas Em Campo

### \* Comunicadores Da Rede Wakywai (RR)

Adysson Cristian Lucas da Silva;

Charleni Cruz Galdino;

Cheila Manoel Carlos;

Eriene Henrique Oliveira;

Gessica da Silva Alves;

Ester Macuxi;

Flávio da costa Teixeira;

Nayara da Silva de Souza;

Gessica Alves;

### \* Comunidade São Francisco do Matapi (AP)

Adryelly Samara A. do Amaral;

Edellen Fernanda;



#### \* **Comunidade De Ilha Redonda (AP)**

Cleonici Dias;  
Daniela Costa;

#### \* **Comunidade São João do Matapi (AP)**

Kellen Da Silva;  
Kamila Da Silva;

#### \* **Comunidade Abacate da Pedreira (AP)**

Lanna Priscila Baía Barbosa;  
Neila Andressa Santana De Souza;

#### \* **Comunidade de Nossa Senhora do Desterro Dois Irmãos (AP)**

Mariele Dos Santos;  
Tatiane Moraes Dos Santos;

#### \* **Comunidade Sítio Conceição (PA)**

José Roberto De J. S. Cravo;  
Profª Adriele De Jesus Dantas;

#### \* **Comunidade São Sebastião do Burajuba (PA)**

Clea Do Couto Melo;  
Odil Pantoja Marques;

#### \* **Comunidade Sítio São João (PA)**

Samuel Amorim;  
Sandra Amorim;

#### \* **Comunidade Gibrié de São Lourenço (PA)**

Larissa Ferreira De Jesus;  
Mário Assunção Do Espírito Santo;

#### \* **Comunidade Sítio Cupuaçu (PA)**

Maria Luciene Santos Pinheiro;  
Maria Mercedes Pinheiro;

#### **Organização e Apoio Nos Grupos Focais**

Valentina Calado Pompermaier  
**PESQUISADORA**

Bryan Chrystian Araújo  
**MENTOR DE MÍDIA**

Julhy Van Den Berg  
**CRIADORA DE CONTEÚDO**

Samilly Valadares  
**OFICIAL DE ENGAJAMENTO COMUNITÁRIO E ACCOUNTABILITY**

Yasmin Silva Calandrini de Azevedo  
**OFICIAL DE PROJETO**

Luana Luizy  
**INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)**

Miguel Haru  
**INSTITUTO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL (IEB)**

#### \* **Colagens e Diagramação**

Julhy Van Den Berg  
**CRIADORA DE CONTEÚDO**



# Enraizado na Confiança



**USAID**  
FROM THE AMERICAN PEOPLE



**Internews**  
Local voices. Global change.

